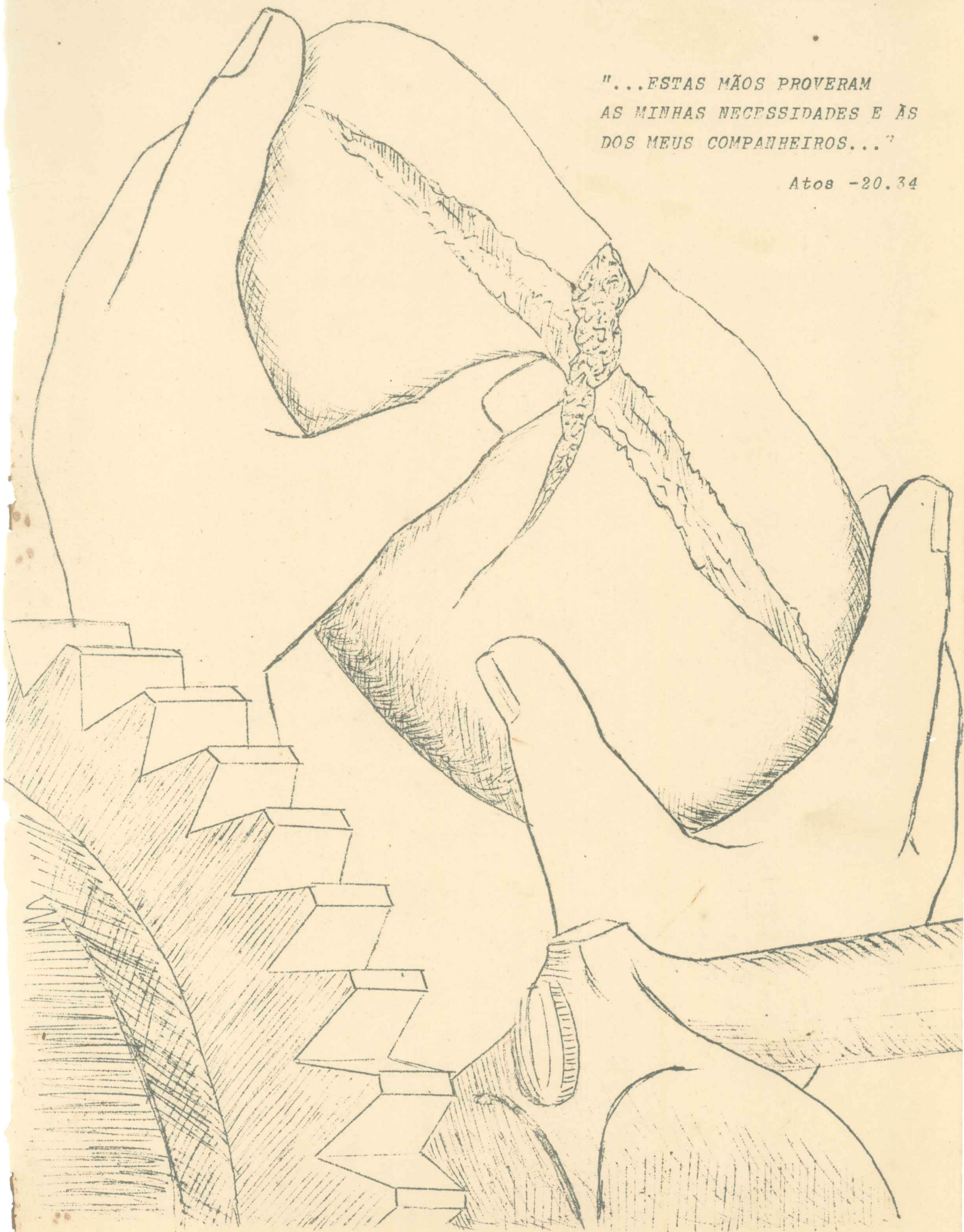


ANO VII • Nº 26 • ABRIL-JUNHO 1973.

GRITO NO NORDESTE

"...ESTAS MÃOS PROVERAM
AS MINHAS NECESSIDADES E ÀS
DOS MEUS COMPANHEIROS..."

Atos -20.34



I_N_D_I_C_E

- MÃOS	2
- AO SERVIÇO DO HOMEM DO CAMPO	3
- CLASSE CAMPONÊSA ADULTA?	4
- O HOMEM NORDESTINO	6
- EVANGELHO NO CAMPO:	9
- PERNAMBUCO	10
- PIAUÍ	11
- CEARÁ E PARAÍBA.	12
- SERGIPE E ALAGOAS.	13
- TRABALHO DA EQUIPE CENTRAL	13
- A IGREJA A SERVIÇO DO HOMEM:	
- DOCUMENTO DE BISPOS.	15
- DOCUMENTOS DA A.C.O.	16
- ACONTECIMENTOS NA VIDA DO POVO:	
- A NOVA LEI DAS DOMÉSTICAS	16
- NOVOS SALÁRIOS MÍNIMOS	18
- CONGRESSO DE BRASÍLIA	19
- MODIFICAÇÃO NO ESTATUTO DO TRABALHADOR RURAL	19
- REUNIÕES PARA QUE?	20
- OS AMIGOS ESCREVEM	22
- NOTÍCIAS DIVERSAS	23

" G R I T O N O N O R D E S T E "

Boletim da A.C.R. do Brasil (Animação dos Cristãos no Meio Rural)

Endereço: Rua do Giriquiti, 48 - Caixa Postal, 1968 - 50.000 - RECIFE-PE.

Responsável: Equipe Central da A.C.R.

Preço mínimo:

COLABORADORES - assinatura anual - Cr\$ 5,00

- número avulso - Cr\$ 1,00

CAMPONESES - assinatura anual - Cr\$ 4,00

- número avulso - Cr\$ 1,00

Aqueles que puderem, deverão ajudar mais, para melhor andamento do boletim.

NOTA: O pagamento da assinatura pode ser feito por Vales Postais ou por cheques Bancários (ou então pessoalmente), em nome do Pe. José Servat, no endereço da A.C.R., acima.

ATENÇÃO: Pessoas estão se queixando, porque não receberam o "Grito". É que nunca enviaram o dinheiro para o pagamento da assinatura e também pelo menos não nos disseram que queriam receber. Esses são tidos como desistentes.

Mãos de homens que se juntam para o trabalho.

Mãos lisas de jovens e intelectuais; mãos calejadas de velhos, de camponeses e de operários.

Mãos rústicas e cansadas, que, com a enxada, removem a terra e preparam o pão.

Mãos prontas para pegar, transformar, mudar as coisas, dar vida nova, colocar o mundo todo a serviço de todos.

Mãos de trabalhadores que se juntam nesse 1º de Maio, festa do trabalho, numa imensa solidariedade dos que sofrem, dos que são despresados, dos marginalizados, dos que não vivem como homens neste mundo imenso.

Mãos de Jesus Cristo, "o Filho do Carpinteiro" e carpinteiro Ele mesmo; mãos marcadas pelos calos que, para libertar os homens, ficaram pregadas na cruz.

Mãos dos Apostolos, de São Paulo, de todos os que dão a vida ao serviço dos outros. Mãos que se juntam no esforço comum; mãos que mostram o crescimento do homem que se torna mais responsável, intelligente, livre e bondoso num mundo novo que constroem; mãos que se juntam na oração para lembrar que Jesus Cristo já está trabalhando no mundo.

Mãos, também, do pobre, do camponês, do trabalhador injustiçado, que perdem o fruto do trabalho... Trabalho sem responsabilidade, fonte de renda para os poderosos. Trabalhador sem terra, sem possibilidade de trabalho, sem estudo, sem salário justo, sem ter garantia para a venda dos seus produtos. Trabalhador doente, velhos de pouca idade, maltrapilhos, pedindo esmola nas portas das casas. Trabalhador do campo e da cidade, sem condições de manter a família, de dar-lhe assistência médica, de dar-lhe escola, de preparar seus filhos para a vida. Trabalhadores sem direitos humanos reconhecidos. Direitos verdadeiros, oficialmente proclamados pelas Nações Unidas, inclusive o Brasil, no dia 10 de Dezembro de 1948, há 25 anos atrás.

NOSSA CAPA

Uma engrenagem de usina, uma enxada de lavrador. As mãos que trabalham podem sempre partir o pão com alegria com a família e os amigos... como Cristo o partiu com os seus?

Amigos escrevem...querem conhecer mais os amigos que fazem o "Grito no Nordeste" e que se encontram na A.C.R. "Animação dos Cristãos no meio Rural"; serem ajudados para poder "abrir os olhos"; situar-se no mundo e tornar-se mais gente.

Muitos outros leitores do Nordeste e do Brasil todo, podem escrever, dizer o que sentem, pensam e o que desejariam fazer.

Isso, frente à vida de hoje, às dificuldades, às situações difíceis, às necessidades de mudar, ou de melhorar, de entender as mudanças do mundo de hoje e da Igreja, da religião etc.

Como pensar juntos? Como ajudar para atender mais tudo isso?

"Grito do Nordeste" não é um jornal como os outros. Seu objetivo é servir, ajudar. Quer ser um meio de trabalho, um instrumento de ligação para despertarmos juntos, tomar consciência unidos e assim, com os outros tornarmos gente, pessoas responsáveis, Cristãos consciêntes duma missão no mundo de hoje. Se a nossa revista não realizar isso, não tem mais razão de continuar, de gastar nosso tempo e dinheiro.

Como, juntos, *realizar nossa missão de conscientizar o povo do campo* e de colocá-lo em contato com o Evangelho?

- Em primeiro lugar é necessário *conhecer a vida*, as situações de hoje, é saber explicá-las pela história do Brasil e a organização do mundo de hoje, os pensamentos modernos. As nossas perguntas permanentes devem ser: "Por que tal situação, por que tal problema, tal dificuldade?"

- Devemos também ser convictos das possibilidades do povo, em particular do nosso povo camponês. Ele está chamado a tornar-se gente, para isso, tem nele muitos talentos escondidos, e possibilidades enormes, tornando-se uma classe consciente e unida.

- Sabemos que neste mundo que sofre, nesse povo desunido, conformato, Cristo inseriu as forças da Ressurreição, que estão trabalhando com as pessoas para uma verdadeira libertação.

A Fé, o Evangelho vivido vão nos ajudar a descobrir este Cristo escondido, para unir-se a Ele e desenvolver com Ele as forças e vida nova.

Como unir-se, ajudar-se para juntos realizarmos as transformações em nossa comunidade, em nosso meio, em nossa classe camponesa?

O que fazer juntos, para colocar em nossa ação o maior numero

de pessoas de boa vontade?

"Grito do Nordeste" quer ajudar nossa Missão de transformação das pessoas e das situações que esmagam.

- Podem escrever, dar as suas experiências, pedir informações, reflexões, idéias de ação que possam nutrir a vida dos grupos.

- Podem organizar-se em grupos de estudo, fazer uma pequena turma que vai reunir-se, conhecer e aprofundar problemas e situações.

Nesse caso a equipe de "Grito no Nordeste" pode enviar uns amigos para ajudar. Amigos que podem ser ou um companheiro animador - campones, ou um padre.

Assim poderiam nascer grupos de "Amigos do Grito no Nordeste". Seriam pontos de partida duma amizade sempre maior entre nós, fonte de crescimento do povo do campo, para uma vida sempre mais justa, mais fraterna, mais feliz, num mundo ao serviço de todos os homens.

CLASSE CAMPONESA ADULTA ?

Campones, trabalhador rural, lavrador, agricultor são as diversas palavras utilizadas em diversos lugares mas que querem designar as pessoas: os homens do campo, pobres, dependentes dos outros (donos, proprietários ou comerciantes) para utilizar a terra, e os diversos meios de produzir - Tais são os assalariados da cana de açúcar, do cacau, do café. Tais são os agricultores sem terra que presta para viver, que não tem condições normais de comida, casa, saúde, educação dos filhos... Esses homens vivem nos sítios, centros, povoados como nas ruas pobres das cidades, sem o mínimo que dê para ser pessoa humana verdadeira.

- Hoje é moda preocupar-se com o Homem do campo. O Governo decreta leis, decide dar aposentadoria, Funrural, Mobral, as Universidades criam organizações e grupos de contato com o meio rural (CRUTAC, PROJETO RONDON...) as Igrejas, as Congregações religiosas querem experiências de Evangelização rural.

Tudo isso com maior boa vontade, mas também com o perigo de sentimentalismo, assistencialismo, piedade, propaganda...

Cada um quer contato com esse homem até agora desconhecido que se chama campones ou lavrador...

Essa entrada no campo, é chamada trabalho com o povo do campo, assistência, pastoral.

Assim o campones interessa. Pode muitas vezes tornar-se objeto de

experiência, cabaia das organizações do Governo, de alguns movimentos e da Igreja.

- *Em tais condições como reage o povo do campo ?*

A curiosidade parece despertada... o camponês quer saber por que essa mudança, por que essa atenção, por que essa preocupação nas pessoas de fora que tem sempre alguma coisa a dar?

- Uns vão querer aproveitar do que se dá, tornando-se amigos de políticos, técnicos, presidente de sindicatos, até de freira e padres, para receber...

- A maioria vai aceitar naturalmente de ser assistida, pensando que os que vêm a eles vão encontrar solução imediata para suas dificuldades e para os diversos problemas. Frente a essa acolhida e a essas boas disposições, o presidente do Sindicato, ou a pessoa que vem de fora está animando-se, querendo realizar, organizar. "São nossos salvadores, pensa deles o povo, são homens bons, atenciosos que tem o poder de dar coisa, de fazer estudar, de aposentar." Mas, os mais conscientes, os que já se preocupam de ser gente responsável, de querer eles mesmos dar soluções aos seus problemas, muitas vezes ficam desconfiados. Essa consciência que desenvolveram, lhes faz descobrir que, sem querer, os que vêm vão colocá-los mais uma vez numa dependência que o povo procura e que vai continuar a dependência tradicional.

O povo quer salvadores. Nunca aprende a salvar-se ele mesmo.

- *Por isso uma verdadeira consciência de classe deve nascer do povo.*

Os homens que desconfiam dos que vêm para ajudá-los, dando coisas, tomaram consciência de sua dignidade, dos seus direitos como dos seus deveres. Querer ser ajudados a conquistar o que é *direito fundamental de gente*: terra, trabalho, salário justo ou venda certa dos produtos, saúde, escola, participação na política como nas organizações do mundo.

Os mais conscientes querem ser gente responsável, querem tomar decisões e não só obedecer e executar.

Querem poder dizer qual deve ser o salário ou o preço de venda dos seus produtos, como organizar escola, saúde, meios de informação.

Assim vai criando-se um espírito de classe no povo do campo, uma consciência que, pouco a pouco, nasce dos acontecimentos de todos os dias, num número sempre maior de pessoas... consciência das situações, preocupação de entendê-las e explicá-las, consciência da necessidade duma ação que coloca tudo no mundo a serviço do homem. Podemos chamar

de classe, esse grupo de pessoas conscientes que está nascendo para tornar-se fermento no seu meio, fermento de transformação das pessoas e das situações.

- Com essa classe rural, deve aparecer a Igreja no povo do Campo.

Nesso mundo dos pobres, dos marginalizados, Cristo está presente mais do que nos outros meios. Ver Mateus, 25,31-46: "Teve fome, teve sede, era forasteiro... estrangeiro... nu, enfermo, preso". Isso é a situação do homem do campo de hoje...

Cristo está presente, atua, mas quase sempre desconhecido. Como revelar, fazer aparecer essa presença de Jesus Cristo? Como colocar o povo nas necessidades quotidianas, nos gestos humildes, em contato com essa Palavra de Deus que vai fazer surgir um Povo Novo, o Povo de Deus?

É o contato de cada um com a Palavra de Deus que faz a Igreja, Povo de Deus.

A festa de Pentecostes lembra que o Espírito de Jesus, o Divino Espírito Santo continua, fazendo entender a Palavra, viver a vida de Cristo. Ele é capaz de ajudar-nos para que apareça esse Novo Povo de Deus, gente do povo dos pobres, pelos pobres, com os pobres. Povo que é parte da Igreja universal, chamada a ser fermento do mundo inteiro, mas que deve aparecer no meio rural, duma maneira particular, adaptada ao povo e às necessidades de hoje.

Assim uma classe rural, fermento do meio, uma Igreja consciente, viva, animando essa classe rural para o verdadeiro crescimento dos homens e a integração no Corpo de Cristo a Igreja:

Tal é o esforço que devemos fazer para realizar a nossa Missão de animadores do nosso meio rural.

O HOMEM NORDESTINO

Todo povo tem uma experiência de viver que lhe possibilita continuidade biológica e cultural. Esta experiência resulta de ajustamento das experiências dos grupos que o compõem ao meio ambiente em que vivem à acomodação de seus modos de viver a um padrão unificador.

O meio físico é grande condicionador da vida humana, através do solo, clima, da vegetação, do relevo e de outros mais constituintes que justificam atitudes de resposta tomadas pelo grupo humano ao procurar ajustar-se ao que o ambiente lhe oferece.

Se considerarmos o caso do Nordeste Brasileiro, veremos que o meio físico se apresentou originariamente com zonas fisiográficas, das quais temos presença ainda hoje. Sumariamente podemos distinguir uma zona litorânea dita da *Mata*, húmida e outrora coberta por floresta adensada, uma zona seca denominada de *sertão*, zona com vegetação esparsa de porte menor e finalmente uma zona de transição que traduz o esparsamento das espécies da mata ou o adensamento das espécies do sertão - o *agreste*.

O elemento humano que habitava a região, por ocasião de sua descoberta, o índio, constituía grupo com experiência de viver bem característica e definida e bastante diferente da experiência do colonizador que chegava.

O colonizador como é evidente chegou à zona da Mata e com o fito de se apossar da terra, criou portos e feitorias de onde remetia madeira para Portugal - o Reino. Esta experiência econômica e de fixação não deu bons resultados, por isto o Rei de Portugal resolveu dividir o País em Capitanias e recomendar o plantio de cana de açúcar.

O estabelecimento dos centros de produção de açúcar, tinha que atender à diversas exigências de variada ordem: grandes extensões de terra preferentemente massapê, terra encontrada nas várzeas ao longo dos trechos finais dos rios que chegam ao litoral; região com bastante chuva, mas o sol tinha que ser muito forte; uma quantidade apreciável de madeira para aquecer os tachos de melaço na feitura do açúcar, o elemento humano para realizar o trabalho e uma infra-estrutura (caminhos e portos) - para o transporte do produto eram também necessários.

O problema do plantio, pensou o colonizador resolvê-lo utilizando o trabalho índio, o que não deu certo, visto ser, o índio antes que tudo um caçador e agricultor itinerante não podendo ajustar-se às condições de agricultor sedentário. Nesta situação teve o português que procurar que executasse o trabalho, o que fez, importando homens negros das costas da África.

Desde este momento, os 3 grupos humanos que nos deram origem, entraram em contacto. Lutaram entre si, se amoldaram uns aos outros, trocaram experiências, aceitaram formas comuns de viver, inter cruzaram dando origem a tipos intermediários do ponto de vista biológico: o mulato, o cafuso, o mameluco, são resultados destas uniões e inter cruzamentos. No ponto de vista vivencial as trocas de experiências entre estes grupos, foram a pouco e pouco dando origem a padrões de comportamento uniformemente aceitos.

Do índio herdou-se os tipos de construção, gêneros de alimentação, processos de caça e pesca, agricultura, tecelagem, mitos e lendas, práticas

ticas religiosas e mágicas, receitas caseiras, atividades recreativas, música, vocabulos, etc.

Do negro recebemos influência na culinária, vestimentas típicas, técnicas agrícolas, processos industriais incipientes, trato do gado, fabrico de instrumentos de música, crenças em orixás e babalaôs (pai de santo) e outros elementos de conjunto comportamental.

Do português herdaram-se práticas alimentares, haja vista os produtos importados: queijo do reino, pimenta do reino, azeite português, farinha do reino, etc. Grande é a influência sobre folclore, quer junino quer natalino. A religião Católica era a religião do português, aqui, se mesclou com práticas indígenas e africanas. Inúmeros elementos culturais nos vêm do português.

O cadinho em que se deu a fusão dos elementos biológicos bem como dos elementos culturais acima delineados, foi o estabelecimento agro-industrial denominado *Engenho* e caracterizado por extensão latifundiária, casa para industrialização do açúcar; residência do "senhor" família e agregados, residência dos trabalhadores escravizados. Em suma: Engenho, a Casa Grande e a Senzala.

Para entendermos ainda que sumariamente, as atitudes dos homens que constituem o meio rural da zona da Mata, temos que pensar e ver como há 4 séculos funcionaram estas relações que tem como base a casa grande e senzala.

O Senhor de Engenho, quase sempre reveste as características de pessoa autoritária, ciosa de seus interesses, gostando do fausto e da exibição. Tratando seus agregados e escravos com distância e autoridade.

Os escravos que ficaram ligados às casas grandes, foram submetidos a um processo de despersonalização, constante de número exagerado de ordens, acompanhamento constante por um "feitor", punição ao menor deslize em local público para servir de exemplo para os outros, prisão em câpos de madeira, flagelação e outros suplícios eram infligidos aos escravos. Àqueles escravos de maior personalidade rebelavam-se fugiam para o mato e organizavam-se em Quilombos. Os mais velhos, as mulheres e crianças submetiam-se às arbitrariedades do senhor. Destes elementos humanos quer deformados pelo mando, quer esmagados pela autoridade, descendem os atuais habitantes da zona da Mata e sobre eles pesam os quatros séculos de tradição.

Isto nos leva a entender o porque da falta de associatividade de indivíduos que nunca se associaram senão sob as ordens do senhor. A falta de iniciativa de indivíduos que sempre foram mandados. O temor de resolverem as suas vidas, por indivíduos, que sempre foram "protegidos".

O medo de ser homens livres, por indivíduos que subconscientemente se conservam escravos.

O EVANGELHO NO CAMPO

PERNAMBUCO - Zona da Mata

MATAPIRUMA. (Ver "Grito no Nordeste" nº 25 e 24)

Os nossos amigos, consciêntes dos direitos do homem e da necessidade da justiça, estão sempre preocupados com os companheiros camponeses de Matapiruma.

O processo saiu. A auditoria militar reconheceu sua total incompetência e o assunto foi transferido para a auditoria civil. Assim, acabaram as acusações de subversão, agitação e comunismo feitas a trabalhadores preocupados unicamente em defender os seus direitos legais e em poder viver do trabalho na cana.

O processo agora não tem nada de extraordinário. É um processo como qualquer outro.

Aos dois advogados, empenhados em fazer os direitos trabalhistas respeitados e reconhecidos, juntou-se um advogado criminalista de grande valor e as coisas caminharam mais ligeiro.

Luis Inocencio, foragido, há meses longe da família, apresentou-se ao Juiz de Escada com o advogado. Na audiência, o Juiz não encontrou motivo para prisão preventiva, nem para ser julgado. Está livre. Poderá recomeçar o trabalho no engenho. Com prudência, no entanto, por que nesse mundo da cana, uma vingança é sempre possível.

João, gravemente ferido no acontecimento, está prêso há 7 meses. Devia também ser apresentado ao Juiz nesses dias e sair da cadeia... Há 7 meses que está na detenção, quando os responsáveis da chacina estão sempre livres!

Assim o processo está caminhando e se desenvolvendo. Se as forças ocultas não se tornarem muito ativas, deveria fazer aparecer a verdade nesse infeliz assunto, revelar quais são os verdadeiros responsáveis e os motivos profundos da violência utilizada.

O aspecto trabalhista deve ser mais valorizado e os trabalhadores - 72 famílias - esperam receber as dívidas atrasadas do engenho. Até agora todos os processos trabalhistas foram ganhos, mas nenhuma decisão foi executada.

Há pessoas que sofreram muito, perderam dias, meses de trabalho. Há viúvas e orfãos que ficaram no desespero. Toda justiça é para afirmar

que os direitos fundamentais do homem nunca devem ser sacrificados em prol de lucros e de interesses financeiros e é para permitir que os mais pobres e os mais fracos possam exigir respeito e uma vida livre.

Esse caso de Matapiruma abriu os olhos de muitos homens de boa vontade, em diversos meios sociais, tanto no campo como na cidade. Não se pode falar em promoção, em libertação, em evangelização, sem exigir que isso se realice na consciência de cada pessoa. É a consciência do homem que deve crescer... Sem esse crescimento, essa abertura dos olhos, essa maneira de se situar como gente, não se pode falar em amor fraterno e muito menos em amor de Deus, criador e Pai de todos. A união, a preocupação de justiça, a coragem e a atenção aos homens que querem se tornar homens de verdade, permitiu o desenvolvimento do caso Matapiruma. O povo tomando consciência, o apoio das organizações, sindicatos, federações e da Igreja, permitiu o trabalho da justiça. Quando os advogados são realmente advogados ao serviço dos homens para a verdadeira justiça e o crescimento de cada um, então as coisas caminham.

Matapiruma fica marcado como o sinal que lembra que há séculos sofrem milhares de trabalhadores da cana de açúcar. Fica também com o apelo à justiça dos homens, à organização duma sociedade onde será reconhecido os direitos dos homens; direitos à vida, à terra, ao trabalho, à participação justa numa riqueza que é fruto do trabalho dos homens. Apelo aos responsáveis do bem comum para colocarem-se a serviço das pessoas e não a serviço dos interesses econômicos.

Um passo no progresso, na libertação dos homens só se faz no sacrifício, no sangue. "Se o grão de trigo não cair na terra e morrer, fica só; quando morre, porém dá muito fruto". Jo. 12,24. Morreu João Inocêncio. Foi morto pelas balas dos que deviam estar a serviço do povo. Herói desconhecido que deixou filhos e viuva. Morreu também o vigia do engenho, trabalhador como seus companheiros, mas utilizado para organizar e executar a violência dos donos. Dois sacrifícios de trabalhadores; serão os últimos até que abram os olhos e sejam reconhecido o valor humano do trabalhador da cana, como pessoa, como ser humano que tem inteligência, liberdade e coração, como pessoa que é chamada a reconhecer-se como filho de Deus.

PERNAMBUCO - Zona do Agreste

Atendimento ao Estado

Na Diocese de Pesqueira, nos dias 30 e 31 de março, reuniram-se os militantes que neste ano de 1973 atenderão aos pedidos de ajuda das dioceses do Estado de Pernambuco. Esta parada tinha sido prevista no encontro estadual realizado em Caruaru de 21 a 24 de janeiro.

Foram previstas atividades para ajudar, durante o ano de 1973, as Dioceses de Floresta, Afogados da Ingazeira e Petrolina. Uma ajuda está prevista também ao Movimento através de sua coordenação na Diocese de Caruaru, onde o Sr. Bispo disse que a mesma está inteiramente aberta ao trabalho de evangelização do meio rural, segundo o método de Animadores dos Cristãos do meio Rural (ACR). As portas estão abertas, afirmou o Sr. Bispo, Dom Augusto Carvalho.

A Equipe que coordena a ajuda do Movimento no Estado ficou assim constituída: 2 elementos da diocese de Pesqueira, 1 da de Garanhuns e outro da de Caruaru. Para o atendimento a todo o Estado há diversos elementos a disposição nas várias dioceses. Eles preparam, realizam e revisam as atividades para as quais são chamados ocasionalmente pela Equipe Coordenadora e em seguida permanecem no seu trabalho profissional e em suas famílias.

Diocese de Garanhuns: Houve um retiro a 10 e 11 de março, para vários militantes da Diocese, incluindo elementos de Calçado, Lagedo, Capoeiras, Angelim, Canhotinho e Garanhuns. De Caruaru esteve o Pe. Pedro Batista que ajudou nas reflexões.

O Sr. Bispo Diocesano, Dom Milton, que tem dado amplo apoio ao Movimento e mesmo ajuda pessoal aos militantes em dificuldades, promoveu com a visita pastoral aos sítios em torno de Lagedo uma reanimação do Movimento e organização de novos grupos. O povo ficou acreditando muito mais no valor desse esforço de profunda evangelização do meio rural. O mesmo foi feito em outras paróquias com a presença do Pastor Diocesano.

É digno de nota e sinal dos tempos, que o Sr. Bispo de Garanhuns ao fazer essas visitas, come e dorme nas casas mesmo dos mais pobres do campo. Essa presença do Bispo concorreu muito para a compreensão entre a cidade e o campo, que ficaram ligados e se ajudando uns aos outros, no esforço de evangelização.

Diocese de Caruaru: Novas esperanças a partir do encontro de janeiro. Grupos iniciados nas Paróquias de Chã Grande, Gravatá, Sairé e Tacaimbó. Sem esquecer outras iniciativas pastorais no campo que o Pe. Pedro, especialmente, vem desenvolvendo. Já são vários os sítios onde se iniciam grupos de cristãos do campo que despertam para suas responsabilidades na missão da Igreja.

PIAUÍ

Respondendo ao convite do arcebispo diocesano, o assistente regional animou um encontro de padres e leigos no Piauí. Partindo das des

cobertas das preocupações fundamentais do povo lavrador, depois duma reflexão sobre o que se fez até agora do pensamento de Jesus Cristo, sobre o homem e a libertação verdadeira. Tentamos ver o que seria hoje possível e mais urgente como ação na base e como linhas pastorais.

Outro aspecto aprofundado: como continuar no futuro essa busca pastoral e a ajuda mútua entre padres, entre leigos, entre leigos e padres?

CEARÁ

Visitas e trabalhos foram feitos neste estado com a participação da equipe central.

Lavradores e uns padres realizaram um encontro de 2 dias. Numa pesquisa sobre "o que impede o desenvolvimento do povo do campo", apareceram dois aspectos básicos: a falta de consciência e a organização injusta, mal feita da sociedade.

Como se chegou a tal situação no Nordeste? Como explicar pela história e pela organização econômica? Por que continuar do mesmo jeito a inconsciência e o mundo mal feito?

O que seria um homem consciente, livre, uma classe camponesa consciente e livre?

O que fizemos até agora, torna as pessoas e a classe conscientes e livres? ajuda para transformar esse mundo injusto? Como? Por que?

O que vamos fazer concretamente na nossa realidade para desenvolver essa tomada de consciência libertadora e encaminhar a transformação desse mundo errado?

PARAÍBA

Encontro interdiocesano de João Pessoa e Campina Grande -

Os principais animadores das dioceses com uns padres assistentes, araram uns dias para se interrogarem sobre a classe rural. Uns fatos ostraram dum lado tomada de consciência e do outro ainda inconsciência.

A preocupação dos participantes era de ver como o trabalho do movimento está acompanhando o povo do campo nessa tomada de consciência de classe. Por visitas, conversas, festinhas, realização comunitária, reuniões, encontros e ação diversas, crescem a consciência do povo e a revelação do evangelho na vida de todos os dias. Assim pessoas, mesmo do povo, se tornam animadores e fermentos no meio rural.

O CENT.

A turma decidiu aumentar os intercâmbios entre grupos e comunidades para que apareça sempre mais uma verdadeira classe camponesa e uma consciência de Igreja.

SERGIPE E ALAGOAS

Encontro inter-estadual em Abril --

Participaram animadores de comunidades de dois estados e de quatro dioceses num encontro realizado na Semana Santa. Amigos de Pernambuco juntaram-se com essa turma.

Eis o roteiro das reflexões:

O que esperam desse encontro? Partindo do que já existe em sua comunidade, o que foi feito pelo povo? Como foi feito?

Essas realizações correspondem às necessidades das comunidades e das situações vividas.

De verdade mesmo, o que vamos fazer agora para melhorar a nossa situação e a dos outros companheiros? O que fazer? Como fazê-la?

Um padre dizia: Bom mesmo, é que foi um encontro onde os leigos assumiram a grande parte. Graças a Deus. É preciso que eles cresçam e que a gente diminua.

PIAUI E MARANHÃO

Teve encontros dos animadores do Maranhão e também do Piauí. Não chegaram relatórios.

EQUIPE CENTRAL

Vai se reunir nesse mes de Maio com delegados da diocese. O assunto será a continuação e o aprofundamento das conclusões da assembléia Geral de Novembro passado. Em primeiro lugar a preocupação constante de conhecer a realidade do Nordeste, realidade que é sempre a mesma e que sempre muda para quem sabe ver. Descobrir os sinais dos tempos.

Adaptar a nossa ação. Somos ao serviço do campo, do povo Nordestino. O que fazemos vale, está se adaptando à cultura e aos problemas do povo?

Como orientar a nossa ação. Não queremos conhecer, só o mundo mas

também transformá-lo. Como reuniões, encontros, atividades correspondentes, encaminham o máximo de pessoas possível?

Dias de aprofundamento na fé - Maio

Tudo isso deve ser visto, partindo da realidade de hoje, com todos os instrumentos para analisar e conhecer mais.

Mas somos Cristãos, ligados pessoalmente a Jesus Cristo que, pelo seu Espírito, continha a libertação do mundo, das pessoas e das coisas. Como encontrar Cristo? Como viver com ele essa missão que queremos de desempenhar no Nordeste? A mesma turma com outros animadores vai tentar esse aprofundamento numa fé verdadeira.

PARADA DA EQUIPE CENTRAL - MARÇO DE 1973

Encontraram-se os membros da equipe central do movimento para rever a situação do meio rural, a atuação do movimento e assegurar mais os caminhos a seguir. Os representantes da zona da cana de açúcar, insistiram muito sobre a situação do povo que sempre se torna mais precária. Encontrar-se, refletir juntos é sempre mais difícil para eles do que para os outros.

Um dos aspectos ressaltados: a situação dos que dão tempo para coordenar o trabalho feito pelo movimento e que chamamos de permanentes ou semi-permanentes. Com toda boa vontade eles dão tempo, trabalham, mas o que eles fazem não marca, não encaminha bastante pessoas a tomar realmente as responsabilidades da vida do campo. O permanente não é sempre considerado como os outros, ele vem de fora. Qual é a missão própria do permanente? O que deve fazer? Todos os camponeses são responsáveis, todos devem crescer juntos na consciência e na responsabilidade. Mas todos devem ser organizados, por isso, uns dentre os camponeses devem dar tempo. Caso contrário o trabalho será animado e revivido por padres, freiras ou intelectuais que não são mais do meio lavrador.

Fazer coisas é relativamente fácil. Mas como saber porque, como ter uma visão clara da situação dos homens, da vocação das pessoas, como saber o que é crescimento, libertação, como descobrir mais as forças que escravizam ou libertam, como ter uma fé sólida, firme, esclarecida, que é ligação direta a Jesus Cristo e a sua ação.

Isso é o fundamental para dar todo sentido as situações, as ações, nossas e dos outros.

O que fazemos? Como fazer? Onde o fazemos? Com que pessoas? Em que tempo? Em quantas etapas? Com que recursos vamos fazer?

MAIS UMA VEZ, A VERDADE

Acaba de ser publicado no dia 6 de Maio, o "Documento de Bispos e Superiores Religiosos do Nordeste" com o título: "Eu ouvi os clamores do meu povo".

Esse texto muito importante tanto pela documentação como pela reflexão, analisa a situação do povo do Nordeste, situação de pecado, de injustiça e de opressão, situação que sempre continua apesar dos decretos e leis anunciadas de tempo em tempo pelas autoridades. Daremos uma visão mais profunda no próximo número do "Grito".

Eis os principais títulos do documento: Depois duma introdução, "A realidade do homem nordestino". "Alguns elementos sobre as raízes desta situação". "A caminho do desenvolvimento?". "Subdesenvolvimento como opressão" "Milagre brasileiro?". "Marginalização crescente". "O problema agrário". "Conclusão".

Eis umas frases dessa última parte: "Estamos convictos de que este momento é de opção por Deus e pelo povo. É de fidelidade à missão.. Não basta, contudo, fazer um diagnóstico a partir do conhecimento científico desta realidade. O Cristo nos ensinou, por seu exemplo, a viver o que anunciava... Os ricos se tornam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres, pelo processo avassalador da concentração econômica inerente ao sistema..." P 28- "*A classe dominada não tem outra saída para se libertar, senão através da longa e difícil caminhada, já em curso, em favor da propriedade social dos meios de produção.* Este é o fundamento principal do gigantesco projeto histórico para a transformação global da atual sociedade, numa sociedade nova..." P 29. O Evangelho nos conclama, a todos os cristãos e homens de boa vontade, a um engajamento na sua corrente profética". P 29.

Assinaram esse texto em Pernambuco: Dom Helder Câmara e Dom Lamine de Recife, Dom Severino Mariano de Pesqueira, Dom Francisco Austregésilo de Afogados da Ingazeira, Frei Walfrido, Provincial dos Franciscanos do Recife, Pe. Santana, Provincial dos Jesuitas do Norte, Pe. Gabriel, Provincial dos Redentoristas de Recife. No Maranhão: Dom João José da Motta e Dom Edmilson de São Luis, Dom Rino Carlesi de Balsas, Dom Pescásio de Bacabal, Dom Helio Campos de Viana. No Ceará: Dom Frago de Cratêus. Na Paraíba: Dom José Pires de João Pessoa e Manuel Pereira de Campina Grande. No Sergipe: Dom José Brandão. Na Bahia: Dom Timóteo, Abade do Mosteiro de São Bento da Bahia e Pe. Tarcisio Botturi, vice Provincial dos Jesuitas da Bahia.

DEZ ANOS DA ACO

A ACO (Ação Católica Operária), celebrando os seus dez anos de esforços e de lutas pela promoção e evangelização da classe operária, publicou um pequeno documento destinado especialmente às "Forças vivas da Igreja", isto é, trabalhadores, bispos, padres, religiosos, militantes de todos os meios, todos os que acreditam na construção de um mundo novo, mundo onde reinem a Justiça, a verdade e o Amor.

O documento intitulado "10 Anos-ACO-Brasil" é, sem dúvida, modesto e simples, mas tem um grande valor: é fruto da experiência e da colaboração das diversas equipes de militantes da ACO, dispersas pelo Brasil, equipes que quiseram com simplicidade e coragem revelar: quem somos - a nossa história dentro da história do movimento operário - a situação atual da classe trabalhadora - os desafios e as exigências dessa realidade para o movimento operário, para a Igreja e para a ACO do Brasil.

Partindo deste documento, a ACO preparou também uma mensagem dirigida aos trabalhadores no 1º de Maio com a finalidade de, unida a todos os companheiros do Nordeste, do Brasil e do mundo, celebrar de maneira mais digna a grande data e contribuir, de algum modo, para manter acesa a chama da coragem e da esperança no meio da nossa classe.

Sabemos que a situação dos nossos irmãos camponeses não é melhor que a nossa. Sabemos igualmente que eles, como nós, têm sede e fome de justiça, têm as mesmas aspirações ao respeito, à verdade e à liberdade, e por isso estamos certos de que os nossos "10 Anos - ACO - Brasil" e a nossa mensagem serão recebidas por eles como alguma coisa sua também.

ACONTECIMENTOS NA VIDA DO POVO

A NOVA LEI PARA AS EMPREGADAS DOMESTICAS

O Radio, os jornais, etc.;... falaram muito da lei a favor das empregadas domesticas. Não é tudo o que a gente queria mas tem coisas boas e temos que aproveitar.

AS COISAS BOAS

- Somos reconhecidos nas leis: há a obrigação de ter documentos, quem tem documento EXISTE para a lei.
- Começamos a ser consideradas como fazendo parte dos trabalhadores, com, pelo menos, um dos direitos que eles tem faz 40 anos.

. Vai ser melhor:

quando a gente ficar doente, algumas tem assistencia médica dada pelos patrões. Mas o melhor não é de ter direito reconhecido e pago pelo nosso dinheiro que depender da boa vontade do patrão?

na velhice, teremos como aposentadoria, 70% a 90% do salário mínimo, quer dizer, para muitas, mais do que estamos ganhando hoje;

para os que dependem de nós: os Filhos, Pais, Tias, Irmãs, etc... que podem aproveitar do nosso instituto.

- . Para as mais velhas entre nós é importante dizer que, depois de ter pago 5 anos, se pode conseguir aposentadoria ou por idade (65 anos) ou por invalidez (impossibilidade de trabalhar)
- . Temos direito a férias. Até hoje a patroa dando uns dias, pensava fazer um grande favor, e por isto muitas não pediam.

O QUE A GENTE QUER

A gente quer ter todos os direitos dos outros trabalhadores.

Por exemplo:

- ter direito ao salario minimo
- ter o décimo terceiro mes
- não ser despedida sem garantia (aviso prévio , indenização)

O QUE A GENTE PODE FAZER

Temos que conseguir todos estes direitos. Mas desde já, pensamos que dentro da nova lei a maior dificuldade é de ter que pagar 8% sobre o salário mínimo que a gente não ganha.

Então é uma exigencia para pedir de cada patroa um salário que der para pagar os 8%.

Para vocês nossas Amigas do interior:

Estes direitos são também de vocês e não só da cidade:

Quando voces vêm para a cidade muitas vezes os patrões aproveitam para pagar menos, exigir mais etc..., pensando que voces são inocentes.

Não se deixem iludir.

Podem nos procurar e juntas seremos mais fortes, e teremos nossos direitos.

Um grupo de domesticas de Recife

A ESPERANÇA DO AGRICULTOR

Como caminheiros segue o povo sua marcha. Na luta do dia a dia

na tentativa de viver.

Com uma pequena enxada ele cava, cava, cava, para fabricar seu pão. Sua solidão é sempre encontrada no meio da multidão.

A paciência é sua fiel companheira.

Nem sempre lucra com o seu trabalho; por vezes sua plantação é estragada pela estiagem ou inundada pelo forte inverno. E ainda é perseguida pelas lagartas e formigas que devoram o trabalho do homem.

Corajoso, não pára diante das dificuldades. Ele insiste porque confia. Embora, sua confiança seja tida como teimosia.

Insiste porque crê no Deus. O Deus que deseja que os homens tenham a vida em abundância...

A SABEDORIA DO AGRICULTOR

Um desafio sem pretensões!

A escola da vida doutorou muitos sábios sem diplomas. Por esta razão, estes são sempre aprendizes: aprendem sem professor e ensinam com sua simplicidade.

O agricultor fica sábio porque investiga, se aprofunda nos segredos da natureza. Conhece cada vez mais sua pequenez e aproxima-se mais do Criador.

Alô irmãos agricultores, queremos entrar na escola de vocês!

DE QUE FALAM OS AGRICULTORES

Na zona da Mata - Cana, eito, conta, salário, engenho, casa grande, patrão, usina, moagem, barracão, parcela, Funrural, sindicato, desemprego, fome, nascimento, entêrro.

Na zona do agreste - Terra, seca, arado, chuva, semente, cova, quadro, cooperativa, sindicato, casa de farinha, funrural, doenças, desemprego, necessidade, nascimento, entêrro.

Esta é a repetida tabuada decorada que Homens como escolares passam a vida a cantar.

NOVOS SALÁRIOS MÍNIMOS

No Norte (Acre, Roraima, Amazonas, Rondonia, Pará e Amapá) e no Centro (Goiás e Mato Grosso) o salário é de Cr\$ 240,00. Também as cidades nordestinas de Olinda, Recife e Salvador terão este mesmo salário (Cr\$ 240,00).

Nos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, o salário será de Cr\$ 213,60.

A luta dos índios contra os brancos invasores é muito antiga. Desde o tempo do descobrimento, desde o tempo dos bandeirantes e das chamadas Entradas que começaram a penetrar o interior do Brasil, os índios encontram diante de si inimigos terríveis.

Facilmente se escreveu em muitos livros sobre a brutalidade e a animalidade selvagem dos índios, assim como sobre a sua preguiça de trabalhar. Porém pouco se olhou, pouco se escreveu sobre a outra face da moeda.

Imaginemo-nos vivendo numa terra em que nasceram os nossos avós, pais e irmãos; e de repente cheguem alguns homens, mandados não se sabe por quem para tomar e explorar esta terra. O que faríamos nós? ficaríamos calmos, pacíficos, acolhedores? Imaginem ainda sermos, além disso, obrigados por esses homens a trabalhar para eles. Ficaria-mos alegres, dispostos para trabalhar?

A salvageria do índio era uma resposta a uma outra selvageria que vinha de longe. Vinha dos brancos "civilizados" e "cristãos" que vinham domesticar (assim diziam) os índios para se tornarem como eles: "civilizados" e "cristãos".

Foram então os "cristãos civilizados" que mataram muitos índios e exterminaram tribos. Pois apesar da bravura e da coragem deles facilmente eram vencidos pois os "cristãos civilizados" tinham armas muito mais poderosas mesmo tendo menos bravura e coragem...

Essa luta demorou muito tempo. As tribos tiveram então que pouco a pouco recuar e entrar cada vez mais para as matas mais distantes, onde finalmente puderam durante algum tempo encontrar paz e respiração tranquila. Hoje vivem os índios do Brasil nas matas do Amapá, do Pará, Amazonas, Acre, Mato Grosso, Goiás.

Mas eis que hoje o Brasil cresce e se desenvolve. O crescimento, o Progresso, o Desenvolvimento se tornaram deuses super-potentes que merecem todo sacrifício, toda imolação e toda adoração.

Desse modo esses deuses não querem deixar ninguém fora do seu domínio, ninguém fora do seu controle e é por isso que os índios hoje estão chamados a se "integrarem" (assim dizem) no desenvolvimento do país.

Agora o que é preciso levar para os índios é o desenvolvimento - não se diz mais civilização - é a integração - não se diz mais domesticação ou catequese.

Tudo isso - apesar das boas intenções - implica, de fato, outra vez em grandes extermínios, em outras grandes selvagerias.

(Continua na pagina nº 24)

Em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, Espírito Santo, Paraná e a cidade de Brasília terão como salários mínimos Cr\$ 312,00.

Nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul o salário será de Cr\$ 288,00.

CONGRESSO DE BRASÍLIA

Dia 21 a 26 de maio deste ano realizar-se-a em Brasília um Congresso Nacional para os trabalhadores rurais a fim de discutirem problemas referentes à Legislação Trabalhista Rural, Educação, Previdência Social, Reforma agrária e colonização, e Desenvolvimento Agrícola.

Como preparação a esse congresso realizou-se vários encontros regionais e um encontro base em Natal, (Rio Grande do Norte) no mês de janeiro, denominado Encontro de dirigentes e advogados. Camponeses de todos os estados vão a Brasília participar desse Congresso. Só de Pernambuco irão 33 representantes.

Lá teremos oportunidade de discutir importantes assuntos em benefício da classe e fortaleceremos nossa união na luta pela melhoria de vida do camponês.

MODIFICAÇÃO NO ESTATUTO DO TRABALHADOR RURAL

No dia 18 de abril, o poder executivo (Presidente da República e Ministro do Trabalho,) encaminhou ao Congresso Nacional um projeto de lei modificando a legislação sobre o trabalho rural.

O Estatuto do Trabalhador Rural *desaparece*. As leis do trabalho rural serão doravante disciplinadas pela lei geral chamada "*Consolidação das Leis do Trabalho* (C.L.T.) e por esse *novo projeto de lei*, que quer preservar as particularidades do trabalho rural acrescentando-lhes outros dispositivos legais.

Poucas coisas são novas. Continua o programa de Assistência ao Trabalhador Rural (Prorural). Estende-se ao Trabalhador Rural a "opção constitucional do Fundo de Garantia por tempo de serviço". Um novo decreto precisará a efetivação dessa medida. Há também umas disposições atinentes a proteção do trabalhador contra a mora salarial. (Decreto nº 368, de 1 de dezembro de 1969).

As palavras "empregado" e "empregador" rural são utilizadas no texto no sentido da legislação geral da C.L.T. (Urbana). É empregado rural "toda pessoa física que presta serviços de natureza contínua a empregador rural em prédio rústico sob a dependência deste e mediante salário".

Considera-se também como empregador o *empleiteiro* "que habitualmen

(Continua na pagina nº 20)

te em caracter profissional e por conta de terceiros, executa serviços de natureza agrária, mediante utilização do trabalho de outrem" (Art.4)

A grande preocupação agora é saber se os membros do Congresso Nacional vão aprovar o projeto da maneira como foi anunciado ou se vão alterar-lhe algum artigo, especialmente o nº 10, que retoma o artigo 175 do Estatuto do Trabalhador Rural, dando uma legislação mais favorável ao Trabalhador Rural do que a lei comum da C.L. T. - "A *prescrição dos direitos* assegurados por esta lei aos trabalhadores rurais *são ocorrerá após dois anos* de cessação do contrato de trabalho. "Essa lei dá direito para o camponês reclamar seus direitos até dois anos depois de cessado o seu contrato de trabalho. Se o seu contrato de trabalho não foi terminado na justiça ou no sindicato, o camponês terá sempre o direito de reclamar.

Esse direito que muitos empregadores queriam ver desaparecer, permanece na nova lei.

Essas linhas são umas primeiras indicações do conteúdo desse projeto de lei, encaminhado com dois outros sobre as "Áreas Metropolitanas" e "Modificação da Legislação de Previdência Social".

No próximo jornal faremos com especialistas uma apresentação mais aprofundada.

A VIDA DO MOVIMENTO

"Reuniões, para que?"

Há muito tempo estamos fazendo reuniões e até agora nada saiu... Reuniões para que? Todos chamam para reuniões: sindicatos, cooperativa, Mobral, A.C.R., Igreja,... e depois?"

"Gente, fazer reuniões somente por reuniões não adianta nada." É por isso que depois de meses e mesmo depois de anos de entusiasmo, de alegria nas reuniões e encontros, estamos num tempo de desânimo."

Fazer reunião por reunião, falar por falar, não é sinal de homens que se tornam adultos, de homens que não querem ser mandados. O povo não quer mais saber de brincadeira, de bate-papo. O povo deseja profundamente encontrar um meio de mudar as situações que esmagam o homem.

Devemo-nos interrogar, sobretudo nós que temos mais responsabilidade, que temos consciência dum papel, duma missão libertadora a desenvolver no meio rural de hoje. Quando nos encontramos em pequenos grupos ou com um povo todo, em que falamos? Por que e para que nos encontramos? O que queremos saber, descobrir, realizar? Algumas pessoas já se encontraram, 4, 5, 10 vezes. Esse grupo cresceu? Vocês acham

que na conversa esse grupo já descobriu, já percebeu alguns de seus verdadeiros problemas? Já tomou consciência de situações que favorecem o crescimento das pessoas ou que esmagam os homens? Juntos, as pessoas disseram o que pensavam? Quais são para elas as causas e os motivos das situações em que vivem? Interrogaram-se para explicar isso? Como aconteceu? Como chegaram a tal situação? De onde vem?

Outra pergunta: as pessoas têm mais consciência de que não são nem bichos, nem coisas? *Que são gente e gente que deve crescer?*

Um^s situações ajudam o homem crescer e se desenvolver, outras impedem e colocam o homem como num cativeiro, numa escravidão...

E a fé, o evangelho, Jesus Cristo tem alguma coisa a ver em tudo isso?... Como? A Palavra de Deus ajuda a gente entender melhor? Torna a gente mais corajoso? Compromete concretamente com Jesus Cristo libertador?

De tudo isso, dessas palavras, das conversas e reuniões saíram algumas ações? O que o povo fez? Como melhorou uma ou outra situação? Tem escolas, saúde, verdadeira organização sindical, etc.?

Por que continuam ou porque desanimaram? Vocês só se encontram quando vai visitá-los um animador de fora? Ou um leigo militante? Ou um padre? Por que isso? Por que são incapazes de fazer sozinhos?

Para que vocês querem ser visitados? Para que o que vem de fora faça tudo, ensine, organize, mande executar o que vai dizer porque é bom? Ou vocês querem uma pessoa, de vez em quando, para ajudar, para revisar o trabalho com vocês? Para descobrir junto com vocês a profundidade dos problemas? Para aprender também as causas de tal situação? Os motivos que encontram na história e na realidade de hoje. Não para ensinar, mas para aprofundar com vocês aquilo que vocês descobriram, para puxar mais o fruto do trabalho da turma.

Aqui estão uns pontos de reflexão para cada um de nós refletir: So^s mos homens *responsáveis, construtores* que fazem a história do Brasil de hoje. Mas no momento que fazemos juntos? Todos não temos o mesmo papel? Todos somos responsáveis. Todos somos capazes de descobrir, de conhecer. Uns, entre nós, sabem mais porque estudam mais ou porque tem mais prática. Eles devem aprender de nós o que já descobrimos, o que já sabemos. Devemos exigir deles que ouçam, que aceitem de aprender de nós, nas equipes. É depois que eles, com o que sabem, vendo as situações, os problemas, vão nos ajudar a dar uma resposta mais organiza^{da}, mais científica. Partindo da nossa ciência, do nosso estudo em tur^{ma}, vão com o que sabem, tentam uma explicação e ajudam a gente enten^{der} melhor. E assim nos ajudam a encontrar as soluções, as ações que vão fazer crescer a nossa consciência de homens e mudar um pouco o que em nós e na organização do mundo impede ou atrapalha a libertação do ho^{mem}, do povo brasileiro.

Alagoas - "Preciso encontrar umas respostas a certas perguntas que me angustiam e umas pistas para ação... Não vale a pena batizar, e mesmo celebrar, não tomo iniciativas evangelizadoras, não sei o que fazer, afogo-me..."

Pernambuco - "As coisas caminham lentamente mas sempre há novidades que a gente não prevê e que não são o resultado direto de nosso esforço, mas da força do Espírito."

Ceará - "Estou tentando continuar a reflexão iniciada por Encontros. Estou vendo com muito otimismo este trabalho, apesar de pouca gente pensar nestes termos".

São Paulo - "Não esqueço das nossas reuniões. Quando me lembro, sinto saudade das viagens que fazia visitando os companheiros de luta."

Sergipe - "Por cá a situação é difícil. As chuvas no nosso sertão ainda não apareceram e, em varios lugares, o povo está padecendo os horrores da seca. Um caminhão da prefeitura passa uma vez por dia, para deixar uma lata de água... É pena ver um povo que já sofre tanto ainda sofrer as durezas da natureza".

Piauí - "A eleição do sindicato tem me preocupado muito, pois é neste órgão que está aglomerada a população que necessita se libertar e este órgão muito pouco está ajudando neste processo, isto muito mais por que os dirigentes são isolados, sem capacidade de introspectamento, sem visão do mundo."

Paraíba - "Domingo de Páscoa, época de congratulações entre católicos e também cristãos. Deve ser oportunidade de todos nós nos interrogar mais ainda. Principalmente nas nossas opções pessoais. Isto porque o Cristo disse: "Chamei-vos amigos pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai."".

Goiás - "Gostaria que me remetesse pelo correio, o mais breve possível, os três últimos números do GRITO. Terei que ministrar aqui alguns cursos sobre legislação trabalhista e gostaria de consultar alguma coisa aí do GRITO NO NORDESTE... Que o trabalho que fazemos seja ocasião de maior união entre Goiás e Pernambuco."

Amazonas - "Da janela de meu quarto, vejo as matas do Peru, e Colombia está aí no outro lado do gigantesco Amazonas... É um outro mundo, tanto na selvagem natureza natural, como no estado psicológico, conformista, indolente, primitivo do habitante... Desejo continuar a receber o GRITO".

Brasília - "Acusamos, com prazer, o recebimento do seu Boletim nº 25, referente aos meses de janeiro a março do corrente ano. Na oportunidade, agradecemos os companheiros o envio do mesmo, bem como o trabalho que vêm desenvolvendo em favor da nossa classe".

Rio Grande do Norte - "Continuo seguindo o trabalho da A.C.R. do Nordeste e muito estou aproveitando de suas publicações".

Bahia - "Achamos que o pessoal deslocando-se da Bahia para encontros no Recife é muito pesado. Prefere que a equipe venha até aqui".

Minas Gerais - "Agora que nos encontramos gostaríamos manter contato com vosso movimento pelo menos recebendo vossas publicações. Nós enviaremos regularmente nosso jornal e outro material que elaboramos".

Guanabara - "Recebemos também uma carta do Pe. Hilário, assessor do "Setor leigos" da CNBB do Rio de Janeiro e convite para, já, preparar o próximo encontro nacional dos Movimentos de Leigos dos dias 25 e 26 de janeiro de 1974.

Sergipe - "Infelizmente não posso participar porque estou trabalhando na fábrica e agora sou empregado... lamento muito mas as circunstâncias obrigou-me". "Para terminar um padre do Sergipe nos interroga frente a diversas dificuldades contrapostas dolorosamente aos nossos projetos. "A maneira misteriosa de Deus de agir é uma interrogação para todos nós. Quem sabe se não é um apelo para revermos nossas maneiras de agir."

Canadá - "Atualmente, terei que parar para ver a dimensão de tudo o que você diz. Não me sinto muito favorável a participar da mesma estrutura rotineira. Em todo caso teremos tempo para refletir em conjunto quando voltar."

NOTÍCIAS DIVERSAS

Amazonas - Foi nomeado arcebispo coadjutor de Manaus, Dom Milton, até agora bispo de Garanhuns - PE. Ele foi um grande amigo dos homens do campo na sua diocese. Ele vai continuar sua missão na imensa região do Amazonas para onde vão bastante camponeses nordestinos.

Ceará - Foi nomeado arcebispo de Fortaleza, D. Aloisio Lorscheider, atual presidente da CNBB, que irá substituir D. José Medeiros Delgado. Este último renunciou e vai morar no Recife.

- No dia 19 de Maio de 1973, teve lugar em Limoeiro do Norte a ordenação episcopal do novo bispo desta diocese, D. Pompeu Bezerra Bessa.

Pará - Viajou para Belém, sua diocese natal, o Pe. Davi, que viveu uns anos como vigário em Lagedo-PE. O povo do campo gostou muito desse jovem padre que ajudou bastante os camponeses no crescimento da sua consciência e da sua fé.

Maranhão - Morreu acidentalmente, em Esperantinópolis, o jovem Meireles, natural de Amarante no Piauí. Ele foi nessa região, um dos primeiros e dos melhores animadores entre os camponeses. Possa a sua morte ser esse "grão de trigo que cai na terra e que vai dar muito fruto de ressurreição."

Paraíba - Foi eleito como secretário diocesano da Pastoral de João Pessoa, o nosso amigo Pe. Francisco Leônidas, que há certo tempo animou o secretariado da A.C.R.

Sergipe - Foi acidentado gravemente no crânio, quando viajava num automóvel, o grande amigo Pe. Roberto de Porto da Folha. Mas a resistência física do padre venceu as graves feridas na cabeça e no olho. Ele está se restabelecendo com o povo do sertão.

Viagem à Europa - O Pe. Miguel Raynaud, vigário de Cabeceiras, diocese de Campina Grande, viajará à Europa para passar férias.

- O pe. Carlos de Beco, vigário de Jussaral, paróquia do Cabo-PE, também irá passar uns meses na Europa. (Ele viajará ainda este mês de maio.)

Boletins que recebemos - Sempre recebemos os boletins dos nossos amigos de: Ipameri (GO), Porto Velho (RO), Governador Valadares (MG).

Nascimentos - Nasceu no dia 23 de janeiro Alderan filho de Justo Evangelista e Silves Mendes, do Maranhão.

- No dia 8 de fevereiro de 1973, nasceu um outro filho no lar de José Soares e Doralice, animador do Feijão, município de São Bento do Una (PE.)

- Nasceu o menino Luciano, filho de Rosivaldo do município de Craibas (Alagoas). Há poucos meses esse militante teve a obrigação de viajar para São Paulo "por condições econômicas", continuando sempre o esvaziamento do Nordeste dos melhores elementos para o exílio no Sul.

Casamento - Foi celebrado em Alagoa Nova diocese de Campina Grande (PB) o casamento de Arlinda, animadora da região. Ela também infelizmente vai acompanhar o esposo para São Paulo.

"GRITO NO NORDESTE" - 07 de maio de 1973.

Responsável: Pe. José SERVAT e equipe Central da A.C.R.-Caixa Postal 1968
50.000 - RECIFE - PE.

E como é que tudo isso acontece?

O desenvolvimento chega até os índios através das estradas. Duas grandes estradas estão sendo construídas na região onde vivem os índios: é a famosa Transamazônica, outra é a chamada Rodovia Perimetral Norte que partirá de Macapá, no território do Amapá, terminará em Taumaturgo no sudoeste do território do Acre, e terá a extensão de 3.300 quilômetros.

Essas estradas atravessam muitas terras onde vivem os índios e os obrigam a entrar em contato conosco. Sabemos que os índios, devido à sua maneira de trabalhar e viver, precisam de muita terra. A redução dessas terras levam necessariamente o índio a dificuldades que terminam no seu desaparecimento. Por outro lado, o contato do índio conosco é muito prejudicial à sua saúde. Esse contato, faz com que eles adoecem e morram com facilidade: uma simples gripe que um índio pegue conosco o levará à morte. Assim, por exemplo, um homem encarregado pelo governo para "pacificar" (é assim que se diz) os índios da tribo de Paracaná, onde passa a Transamazônica, começou a viver com os índios, andando nu pela aldeia pintado de Urucum (tinta vermelha de uma fruta). Por causa desse contato morreram 40 índios. Ainda na Transamazônica, os trabalhadores da estrada dando presentes aos índios e mantendo relações sexuais com suas mulheres provocaram 35 casos de blenorragia e por causa disso nasceram oito crianças cegas. (Esses dois casos se encontram no jornal "Opinião" nº 18 no artigo "Os índios e a última caravana").

Na época do descobrimento do Brasil o número de índios variava entre um a dois milhões, restam hoje apenas 50.000 (cinquenta mil).

Os que queriam levar aos índios a civilização e o cristianismo e hoje os que querem levar a integração e o desenvolvimento conseguiram e estão conseguindo cada vez mais o seu desaparecimento.

Em nome do desenvolvimento e da integração, muitos índios são exterminados. Os que querem levar tal desenvolvimento e integração parecem ignorar os valores humanos que caracterizam o modo de viver dos índios. Vejamos esses valores reconhecidos por grandes estudiosos:

- Mais importância à vida, à existência, que a posse e a propriedade que quase desconhecem.
- Paixão e respeito pela pessoa
- Trabalho comunitário de tipo recreativo
- Horror pela produção das coisas sem saber para quem
- Intensificação e valorização do tempo de repouso.

Diante desses valores dos índios parece que nós é que precisávamos ser civilizados por eles.

Tudo isso nos faz perguntar: Qual o valor humano do chamado desenvolvimento? Será que esse desenvolvimento está ajudando o crescimento das pessoas? Ou está jogando as riquezas contra o homem e o esmagando?